

# A Noite da Espera: entrevista com Milton Hatoum

por Felipe Daniel Paludetti

Graduando em Sociologia e Política pela FESPSP

(felipeantropologia@gmail.com)

Em 2017, após quase dez anos de seu último lançamento, Hatoum nos prestigiou com o livro “A Noite da Espera”, pensado como uma trilogia intitulada “O Lugar Mais Sombrio”, o autor esteve no dia 23 de Abril de 2018 na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo para conversar com alunos do primeiro semestre do curso de Sociologia e Política sobre as inspirações do livro que trabalho semestral da turma.

Além disso, concedeu uma entrevista para nós da Revista Alabastro onde falou sobre as inspirações para escrever e opinou sobre o processo político na conjuntura do primeiro semestre de 2018 onde ainda havia indefinições a respeito dos atores políticos que disputariam as eleições junto com as incertezas do que viria posteriormente.

O livro é lançado em um momento propício, onde o processo democrático encontra-se fragilizado e questionado, com setores da sociedade flertando com movimentos ultraconservadores. Hatoum apresenta uma história que se fragmenta em várias partes alternadas entre cartas e pedaços dos diários do protagonista do livro, Martim, um jovem que aos 16 anos deixou São Paulo junto com seu pai, Rodolfo, após uma traumática separação de sua esposa, Lina, mudando-se para Brasília parcialmente vazia e marcada pela tensão do Golpe de 64. Martim narra sua história no passado, um tempo depois morando na França nos anos 70, escrevendo sobre sua vida na Universidade de Brasília (UNB), sobre seu relacionamento amoroso, sobre a relação distante com seus pais, a efervescência política dos anos 60 ao lado de seus colegas de faculdade que se intitulavam “A Tribo” e suas impressões sobre Brasília, que parecia não ter sido feita pensando nas pessoas que transitavam por ela.

O livro é praticamente uma obra etnográfica sobre a sociedade com seus valores culturais e políticos dos anos 60, além de fazer um belo relato do Distrito Federal da época. Lendo sentimos em determinados momentos um reflexo de nossas vivências atuais, com o Congresso Nacional desmoralizado e instituições fragilizadas. Esta história, que de acordo com Hatoum, é um romance político que trata do rito de passagem de um jovem ingênuo que se obriga a ficar maduro, ficando impossível não relacionar a vida do protagonista, Martim, com a própria vida do autor. O desencanto do protagonista com o lugar sombrio em que vive junto com seus amigos de várias origens sociais acaba por ser uma desilusão ampliada de seu próprio drama pessoal

causado pelo distanciamento da mãe, e a coexistência com o pai conservador fundamentalista atormentado pela provável traição de sua ex-esposa criando uma barreira de convivência com seu próprio filho.

Outro momento marcante do livro fica por conta da narração de Martim sobre o relacionamento de seu pai com a ditadura:

“Só no dia 14 entendi o motivo do júbilo paterno: o Ato Institucional número 5. Nesta última semana de dezembro, Rodolfo empilhou revistas e jornais na mesa da sala e recortou fotografias do rosto de buldogue pelancudo do Marechal Costa e Silva; coleciona rostos militares e civis (o ministro da Justiça que redigiu o AI-5, magistrados e políticos bajuladores) e rasga com raiva as fotos de políticos cassados. A mesa da sala ficou coberta de imagens de heróis do meu pai, e o chão repleto de rostos de papel, cortados em tiras finas, como serpentinas de uma festa macabra. Tive uma vaga consciência de que Rodolfo estava enlouquecendo, percebia sintomas de loucura nos gestos e atitudes dele, e me perguntava quem, ou o quê, ele odiava.” (p. 55)

Com “A Noite da Espera” nos sentimos na obrigação de comparar e refletir sobre os mais diversos assuntos que nos cercam ainda hoje. Milton Hatoum nos transporta para uma época não tão distante, mas que acaba servindo de espelho para a conjuntura atual de nossa vida política se tornando um livro fundamental para compreender as nuances que permeiam nossas relações e nos faz pensar que o passado pode se repetir no presente.

A partir de agora segue a transcrição da entrevista feita com Milton Hatoum para nossa revista.

**Lendo o seu livro temos a sensação de que somos transportados diretamente para o período da Ditadura Militar e tendo algumas vivências através dos livros de história sempre acabamos pensando que todo mundo tinha uma concepção única sobre aquele período, e o seu livro, que é quase um ensaio etnográfico, nos mostra muitas opiniões diversas. Pessoas que eram contrárias, pessoas que eram alheias ao que estava acontecendo. Esse período histórico do livro foi superado ou corremos o risco de voltarmos a ele?**

MH: Eu acho que o Brasil como a América Latina ela vive ciclos de autoritarismo e “democracia”, entre aspas. Fala-se muito em democracia, mas eu não acho que a gente vive em uma democracia. A noção de democracia, primeiro parte do princípio que em uma sociedade democrática deve haver oportunidades para todos e quando há uma segregação da sociedade, que não é o caso da minha geração porque eu sempre estudei em escola pública, mas quando já não há mais uma escola pública de qualidade para a maioria da população eu acho que isso não é democrático. – Tivemos um suspiro de democracia depois do Collor que foi um farsante, ele foi conhecido como a imprensa o nomeou de Caçador de Marajás, mas no fundo era um farsante, mais um farsante – mas nós vivemos um surto de democracia na época do Fernando Henrique e depois no governo Lula – e isso foi interrompido por essas forças obscuras, ou como “Forças Ocultas”, como é o nome da cachaça que o Embaixador do meu romance toma – eu também tomei essa cachaça naquela época – mas não há uma continuidade histórica de uma democracia que tende a sua plenitude no Brasil. Há razões históricas para isso e vocês aqui com certeza devem ter estudado a Revolução de 30, que para mim não foi uma revolução no sentido como dizia o Professor Antônio Candido que tem um ensaio muito bonito chamado “A Revolução de

30 e a Cultura”, em que ele mostra justamente isso. A Revolução de 30 deu algumas oportunidades, ampliou o ensino público, mas não foi uma transformação que toda revolução pede e até exige – houve um acesso maior da sociedade, dos pobres, da classe média, mas longe de ser uma transformação efetiva. A Revolução de 30 foi uma revolução caricata porque os privilégios continuaram e existem até hoje esses privilégios.

**Essa fragmentação de pensamento que a gente encontra no seu livro, especificamente com o personagem Martim e o pai que tinha uma opinião totalmente conservadora a respeito do que acontecia na época, você acha que isso não faz parte da democracia? A democracia não propõe que as pessoas pensem diferente?**

MH: Na democracia há espaço pra tudo, para todas as ideologias, pensamentos políticos e até para o não político que está na moda. Estava lendo o livro da Hanna Arendt que estava ali na mesa [risos] em que ela fala exatamente isso, que quando não há mais política, ou quando as pessoas querem banir a política isso é preocupante porque abre espaço para o totalitarismo com esse discurso de “eu não sou político”, mas eu acho que há espaço pra todo tipo de pensamento, formulação e ideologia, mas o problema é que o pai do Martim tinha um pendor ao autoritarismo e festejou o AI-5, mas não vivíamos uma democracia, aquele grupo está constrangido, alguns sabem o que querem outros sabem mais ou menos os rumos que vão tomar, típico do romance de formação, essa trajetória de um indivíduo numa sociedade desagregada ou em processo de desagregação e outros não sabiam o que fazer, outros estavam completamente perdidos como o Martim.

**Essa é uma percepção que tivemos, Martim parecia até um pouco apático com tudo que estava acontecendo ali. Dá pra fazer muitas reflexões do que está acontecendo hoje através desse livro, você acha que o Martim tem essa função de ser um pouco apático e demonstrar talvez o que a juventude de hoje, de uma maneira geral ou parcial, pensa a respeito da política?**

MH: Não! Por isso que deu trabalho, eu conheci os Martins de Brasília e São Paulo, eles estão por toda parte, é uma ilusão pensar que todo jovem brasileiro estava lutando contra a ditadura [risos], isso não é verdade, muitos jovens não estavam nem aí, outros estavam apoiando, muitos estavam dançando, estavam alheios, havia os indiferentes, havia de tudo e havia, claro, os estudante politizados como os de hoje, não mudou muito, o que aconteceu depois foi um protesto crescente, porque no início dos anos 70 com aquele milagre econômico, houve uma adesão enorme à ditadura. Depois quando o milagre sumiu, e há várias razões para isso, a própria classe média passou a protestar. – Quando acabou a ditadura o desemprego era enorme, a inflação era enorme, o país estava em frangalhos. Então acho que os jovens que conheci em Brasília estavam envolvidos da militância, mas outros não. Havia filhos de Senadores, filhos de Ministro, filhos de Deputados e havia também os filhos das periferias das cidades satélites, porque eu achava que não faria muito sentido falar de Brasília sem falar do entorno de Brasília que é o Brasil. Que eram os imigrantes, as favelas, as cidades satélites. Isso que conheci naquela época – inclusive as primeiras favelas que foram construídas em Ceilândia que vieram do Plano Piloto\* e para os políticos e para a elite, favela no Plano Piloto era algo inaceitável e foi daí que surgiu Ceilândia que hoje é uma cidade de 500 mil habitantes, aliás, Drummond escreveu um poema sobre Ceilândia.

**Em uma de suas entrevistas sobre o livro você falou que o Brasil vive um eterno romance da desilusão, isso pode ser visto de uma forma cíclica?**

MH: Olha, Machado de Assis era um autor sem ilusões [risos], eu sou “Machadeano” em vários sentidos, inclusive nesse ceticismo, num pessimismo que não é um pessimismo apenas filosófico, não é apenas a leitura de Schopenhauer ou dos filósofos da melancolia e do pessimismo. O país sempre foi muito dividido e um país que sempre viveu mais de 3 séculos sob a escravidão, sem a inclusão desses ex escravos, ele dificilmente encontrará o seu destino mais humano e menos desigual. Caminhava para isso – em algum momento recente houve esse esforço apesar dos erros – mas esse pequeno sonho também foi enterrado, eu acho. Então as contradições e desigualdade são enormes e não sei se num futuro próximo – se bem que não gosto de falar do futuro porque a minha praia é o passado, acho que os escritores, os antropólogos eles pensam muito no passado pra falar do presente, é o passado que repercute no presente, mas quem conhece um pouco o Brasil e a periferia em São Paulo sabe que é difícil sair disso. O país está completamente desagregado, vou dar um exemplo muito simples, minha cidade, Manaus, de 30 a 40% da população não tem ainda acesso ao saneamento básico, é muito complicado. Essas prioridades não passam pela cabeça das pessoas, porque não é só o Governo Federal, teríamos que falar no sistema como um todo, dos Governadores, dos Estados e dos 5570 Municípios, toda essa complexidade e do Judiciário também, ele faz parte desse grande conluio e faz parte de uma forma muitas vezes feroz porque eles são privilegiados. Eles são talvez os mais privilegiados.

**Há um trecho de seu livro em que o personagem Nortista, amigo de Martim, cita uma discussão que ele teve com Glauber Rocha sobre o filme Terra em Transe em que eles debateram o que é ideologia e o que é política. Dentro dessa nossa discussão você acha que seus livros são ideológicos ou políticos?**

MH: Eu acho que são políticas como toda obra de arte tem algum senso político, porque tudo é político, não escapamos disso. Quando o cara diz: “eu não sou um político” e se candidata é uma piada [risos], porque ele tá se candidatando para o poder, para assumir um cargo de poder. Mas eu acho que um romance quando é ideológico ele perde muito a sua força. Isso aconteceu com vários romances do Jorge Amado, por exemplo, porque o romance não deve ser explicativo porque ele deve gerar perguntas e não dar respostas, porque se der resposta ele assume o caráter de pesquisa. Então o romance deixa uma ambiguidade que enriquece a narrativa, a ambiguidade de que o leitor vai decidir através da imaginação e das leituras, o mais importante não é saber se a Capitã traiu ou não traiu, o que é mais importante é a possibilidade dela ter traído ou não. Se a resposta estivesse dada a ambiguidade seria anulada, então pra mim seria mais complicado e seria obvio eleger um narrador militante. Militante é a namorada dele, convicta e ela não dá espaço pra dúvidas, mas ele é só dúvidas. E porque ela se apaixonou por um cara que é tão diferente dela? Por que a vida é assim, às vezes. Por que amamos pessoas tão diferentes da gente? Depois quando há uma separação nós dizemos: “por que eu me apaixonei por uma pessoa assim?”... E o inexplicável faz parte da vida como faz parte da literatura e a literatura é menos complexa que a vida para nós.

**Não podemos esperar explicações no segundo volume do livro então?**

MH: Ah não, nenhuma, porque eu mesmo estou perdido nesse pântano de dúvidas e de ambiguidades e as perguntas vão ficar [risos]. Uma amiga de Brasília, uma amiga que não via há 40 anos, a literatura serve pra isso, pra você rever as pessoas também depois de velho. Ela me disse “ai eu gostei do final, parece fogos de artifício, cada um vai pra um lado e ninguém sabe o que acontece”, e eu pensei – que ótimo era mais ou menos isso que eu pensava, porque você fechar tudo e dar resposta já não é mais literatura, já é outra coisa.